

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS: PROFº ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

ÉRIKA RAQUEL NASCIMENTO SILVA

LITERATURA INFANTIL:

A hora da história como momento privilegiado de desenvolvimento da criança

Biblioteca UESPI - PHB
Registro Nº M 324
CDD 372.64
CUTTER 5586d
V EX 01
Data 14 / 10 / 10
Visto aprobado

PARNAÍBA- PÍ

2010

ÉRIKA RAQUEL NASCIMENTO SILVA

LITERATURA INFANTIL:

A hora da história como momento privilegiado de desenvolvimento da criança

Trabalho de conclusão do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí, sob a orientação da Prof^a. Mestre Solange Aparecida de Campos Costa.

PARNAÍBA- PÍ

2010

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO BIBLIOTECÁRIO
HERNANDES ANDRADE SILVA CRB-3/936

S5861 Silva, Érika Raquel Nascimento

Literatura infantil: a hora da história como momento privilegiado de desenvolvimento da criança / Érika Raquel Nascimento Silva. – Parnaíba, 2010.

47 f.

Trabalho de conclusão do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, Universidade Estadual do Piauí, Parnaíba, 2010.

Orientadora: Prof. Msc. Solange Aparecida da Costa.

1. Literatura Infantil – Estudo e Ensino. 2. Educação Infantil.
3. Criança - Desenvolvimento. I. Título.

CDD – 372.64

ÉRIKA RAQUEL NASCIMENTO SILVA

LITERATURA INFANTIL:

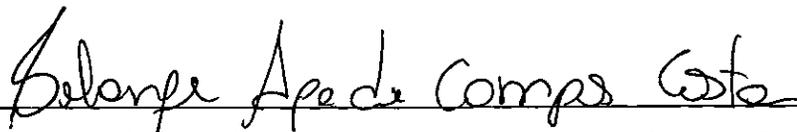
A hora da história como momento privilegiado de desenvolvimento da criança

Monografia apresentada ao curso de
Pedagogia da Universidade Estadual do Piauí,
para obtenção do título de Licenciado em
Pedagogia.

Orientador: Solange Aparecida de Campos
Costa

APROVADA EM: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA:



Orientador/ UESPI: Solange Aparecida de Campos Costa

Examinador Externo: Ticiane de Araújo Costa Silva

Examinador Interno/ UESPI: Maria dos Navegantes Veras da Cunha

Dedico este trabalho, fruto de um grande esforço aqueles que contribuíram para sua realização, em especial a meus familiares, que abriram mão de alguns interesses pessoais para possibilitarem meu crescimento. Principalmente, a minha mãe que lutou incessantemente para realizar meus sonhos. A realização deste trabalho deve-se a vocês, pois ele não é só meu, mas de todos!

Agradeço primeiramente a Deus por me dar forças nos momentos de aflição em que pensei em desistir, por não me deixar cair frente os obstáculos, pois nele tudo posso. Em segundo lugar a minha mãe por todo apoio, tanto emocional quanto financeiro, sem ela nada conseguiria. Agradeço também aos meus irmãos Bernardo e Roberto que me apoiaram durante essa longa jornada, e mesmo sem saber me ajudaram com seus exemplos de sucesso. Não posso esquecer-me das minhas amigas, que nunca deixaram que eu desanimasse mesmo quando a situação se mostrasse assustadora. À professora Solange Costa, o meu muito obrigado pelas orientações; mesmo com pouquíssimo tempo aprendi demais com você, sem a senhora esse trabalho não seria possível. A todos serei eternamente grata ao apoio e ajuda a mim dispensados! Que o Senhor Jesus ilumine e guie seus passos a cada dia!

De tudo ficaram três coisas:
A certeza de que estamos sempre começando;
A certeza de que é preciso continuar;
A certeza de que podemos ser
interrompidos antes de terminar.
Façamos da interrupção um novo caminho;
Da queda um passo de dança;
Do medo uma escada; do sonho uma ponte;
E da procura... Um encontro.

Fernando Sabino

RESUMO

A presente monografia é resultado de uma pesquisa realizada em duas escolas de Educação Infantil, localizadas na cidade de Parnaíba. A referida pesquisa, que teve como fio condutor o tema Literatura Infantil: A hora da história como momento privilegiado de desenvolvimento da criança, propôs investigar a compreensão dos professores sobre o papel da literatura infantil nas salas de aulas; conhecer a importância da literatura infantil no desenvolvimento das crianças e analisar as práticas dos professores no que se refere à contação de histórias. Portanto, esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa, onde os dados obtidos com as observações e questionários aplicados as professoras serão analisados com base dos subsídios dos fundamentos teóricos, pois se observou a atração que o universo encantado dos contos provoca nas crianças. Atração esta propiciada pela linguagem encontrada neste tipo de produção literária, ou seja, a linguagem da representação que pode concretizar o abstrato por meio de comparações, símbolos e imagens.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura infantil; Desenvolvimento; Contação; Histórias.

ABSTRACT

This monograph is the result of research realized in two schools of child's education, located in the city of Parnaíba. The research has as theme children's literature, it proposed investigate the understanding of teachers about the role of children's literature in the classroom, in the development of children and analyze the practices of teachers to telling stories. Therefore, this research has characteristics qualitative, because it aims to quality of the study object, where the data obtained will be analyzed by the remarks and questionnaires applied to teachers researched. It shows the charm that has a simple "once..." and the attraction that the universe bewitched the story cause in children through language literary found in these productions, in other words, the language of representation that can achieve the abstract through comparisons, symbols and images.

KEY-WORDS: Children's Literature; Development; Telling; Stories.

LISTA DE QUADROS

Quadro A	17
----------------	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPITULO I: O CAMINHO TRAÇADO PELA PESQUISA EM LITERATURA INFANTIL	15
1.1 Abordagem da pesquisa.....	15
1.2 Agentes que contribuem na investigação.....	16
1.3 Contextualizando a realidade.....	16
1.4 Observação.....	17
1.5 Questionário.....	17
1.6 Categorias de análise.....	18
CAPÍTULO II: LITERATURA INFANTIL: A HORA DA HISTÓRIA	19
2.1 O que é literatura infantil.....	19
2.2 O era uma vez da literatura infantil clássica.....	22
2.2.1 A história da literatura infantil brasileira.....	25
2.3 A literatura infantil na escola.....	29
CAPÍTULO III: ANALISANDO O CAMINHO PERCORRIDO	36
3.1 A compreensão sobre literatura infantil.....	38
3.2 A frequência em que são contadas histórias.....	39
3.3 A consciência do papel que a literatura infantil exerce no cotidiano dos alunos...	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	44
APÊNDICES	45
APÊNDICE A	46
APÊNDICE B	47

INTRODUÇÃO

Sendo uma das mais novas formas literárias, a literatura infantil surgiu em meados dos séculos XVII e XVIII, na Europa, através de uma coleta de contos tradicionais realizada por Charles Perrault (célebre escritor e arquiteto francês), em meio às grandes transformações que ocorriam na sociedade naquele momento, como a Revolução Industrial. Contudo sua origem vem desde os primórdios da humanidade, quando se utilizavam de lendas para a transmissão da cultura através da oralidade, assim pode-se afirmar que esta surge durante a idade oral, fase em que o único instrumento de comunicação é a fala.

No entanto, alguns estudiosos associam a origem da literatura infantil ao surgimento do primeiro livro destinado as crianças. Entretanto o Brasil passou por longas décadas sem uma literatura infantil própria, sendo apenas um reprodutor de obras européias clássicas, pois estas eram apenas traduzidas. Contudo, o surgimento das escolas formais no país, trouxe consigo a possibilidade de se pensar em um livro recreativo e, conseqüentemente, em literatura infantil, estimulado ainda mais pela Semana de Arte Moderna, ocorrida em São Paulo, em 1922.

Portanto, com os diversos adventos tecnológicos e a expansão do capitalismo, a criança passa a ser deixada às margens da sociedade, sendo vista como um adulto em miniatura. Assim, esta se torna uma preocupação constante para novas ciências, como a pedagogia e psicologia. Psicólogos, pedagogos e mestres tomam a literatura infantil como um incremento considerável para a educação formal e informal das crianças, pois lida com elementos essencialmente adequados para a compreensão da realidade, como por exemplo: as histórias, porque apresentam as relações presentes na sociedade; e a linguagem, que se torna o mediador entre o leitor (a criança) e o mundo real. Assim, percebe-se que por meio das histórias infantis a criança passa a compreender os acontecimentos a sua volta, permitindo a construção da realidade.

Contudo, as histórias infantis por muito tempo foram utilizadas apenas para distração e entretenimento, sendo deixadas de lado suas contribuições para a formação dos futuros cidadãos, já que estas oferecem muito mais que apenas ficção, pois revelam os valores sociais. Através de sua linguagem carregada de simbologias, arquétipos e imagens ela esta intrinsecamente voltada para a aquisição do saber, estando ligada diretamente ao ler, principal mecanismo facilitador para o desenvolvimento da criticidade, característica indispensável no mundo letrado, onde os índices de analfabetismo ainda são alarmantes, principalmente em países em desenvolvimento como o Brasil, onde a população escolarizada é muito deficiente.

Contextualização do Problema

Dados estatísticos revelados na revista Nova Escola mostraram que em 2007, cerca de quatro milhões de crianças de sete a quatorze anos estavam fora da escola. Outro fator assustador é o índice de analfabetos funcionais, ou seja, aqueles que apenas reconhecem os códigos lingüísticos sem nenhuma significação, este se caracteriza como um dos mais graves problemas sociais e atraso educacional. Portanto, é durante a infância que se deve começar os trabalhos de solução destes problemas; principalmente estas disparidades referentes à educação; é nesta etapa da vida que se deve despertar nas crianças o gosto pela leitura- principal instrumento para aquisição do senso crítico. Segundo o Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil (2001, p. 21-22):

No processo de construção do conhecimento, as crianças se utilizam as mais diferentes linguagens e exercem a capacidade que possuem de terem idéias e hipóteses originais sobre aquilo que buscam desvendar. Nessa perspectiva as crianças constroem o conhecimento a partir das interações que estabelecem com as outras pessoas e com o meio em que vivem. O conhecimento não se constitui em cópia da realidade, mas sim, fruto de um imenso trabalho de criação, significação e ressignificação.

De acordo com esta ótica, diz-se que é na educação infantil o momento adequado para que se estimule o interesse pela leitura de forma lúdica e natural. Neste processo, as histórias infantis desempenham papel preponderante, pois desenvolvem o imaginário, a curiosidade e a atração pelos livros, instrumento pedagógico que traz inúmeras contribuições, que vão desde o campo emocional até o psicológico e o educacional. Porém, para que este recurso de fato traga benefícios é necessário que os professores saibam lidar com o mesmo, já que as crianças até seis anos de idade aprendem através da imitação, portanto é interessante que se propicie atividades que despertem seu entusiasmo. Portanto, para que o gosto da leitura possa ser desenvolvido é preciso deixar que as crianças sintam-se bem ao ter contato com os livros.

Nesta perspectiva, o desenvolvimento cognitivo da criança da era do consumo, ganha força considerável na literatura infantil. Assim o folclore, as fábulas, as revistas em quadrinhos, tudo tem sido mecanismos para educar e recrear de modo interessante e proveitoso o menor de hoje, para que seja um adulto consciente e sadio de espírito no futuro. Pois, as historinhas apresentam as relações sociais presentes na sociedade real, mas que as crianças sozinhas não seriam capazes de perceberem; e ainda relacionam-se com a leitura, a

qual está ligada ao desenvolvimento lingüístico e aquisição do saber formal das crianças. Ciente desta constatação surgiu os seguintes questionamentos voltados aos docentes da cidade de Parnaíba: Os professores compreendem a importância do papel da literatura infantil na sala de aula? Como utilizar a literatura, em sala de aula, de modo adequado?

Objetivos:

A busca pelas respostas destas perguntas possibilitou traçar alguns objetivos, que dentro da pesquisa desempenham papel fundamental, pois são eles que indicam o que se pretende alcançar com a mesma. Portanto, a presente monografia teve seus objetivos elaborados com o intuito de possibilitar o conhecimento sobre como vem sendo utilizada a literatura infantil, bem como seus benefícios ou malefícios dentro das escolas investigadas. Tendo um objetivo geral, mais amplo e, três específicos, relacionados abaixo:

➤ **Objetivo geral:**

- Investigar a compreensão dos professores sobre o papel da literatura infantil na sala de aula.

➤ **Objetivos específicos:**

- Conhecer o papel da literatura infantil no desenvolvimento da criança;
- Identificar a compreensão dos professores sobre a função da literatura em sala de aula;
- Analisar a prática docente no que se refere à contação de histórias.

Esses objetivos embasaram toda a pesquisa realizada, que visa à solução ou reparar as problemáticas que giram em torno do objeto de estudo.

Justificativa do trabalho:

Como a sociedade contemporânea está imersa em grandes inovações tecnológicas, outros agravantes surgem, a violência cresce assustadoramente, deixando os cidadãos presos ao medo, a incerteza e a insegurança. Frente este quadro caótico, espera-se que a escola, ou melhor, a educação seja o salvador social, já que é ela a responsável por formar cidadãos críticos e conscientes. Desse modo, é preciso formar as crianças com criticidade, possuidoras do hábito da leitura, pois se sabe que há uma relação íntima entre o ler e o senso crítico. Como diz o RCNEI (2001, p. 23):

A instituição de educação infantil deve tornar acessível a todas as crianças que frequentam, indiscriminadamente, elementos da cultura que enriquecem o seu desenvolvimento e inserção social. Cumpre um papel socializador, propiciando o desenvolvimento da identidade das crianças, por meio de aprendizagens diversificadas, realizadas em situações de interação.

Portanto, é dever dos professores, desde a Educação Infantil, propor as crianças momentos de contato com os livros, os quais devam trazer textos literários que leve em conta as habilidades cognitivas das crianças, pois estas são cheias de conflitos, dúvidas e medos, por trazerem projetadas em si a imagem e os ideais dos adultos. Neste propósito é que entra as histórias infantis, já que possuem enorme importância no desenvolvimento cognitivo do educando, pois estas carregam uma linguagem acessível à idade deles. E embora, todo esse bombardeio tecnológico e transformações geradas pela globalização as crianças ainda se encantam ao ouvir o simples “era uma vez”.

Diante da constatação desse legado que envolve a literatura infantil, decidiu-se investigar os benefícios que as histórias infantis oferecem ao ensino, principalmente o infantil. Sabendo que as crianças na faixa etária que vai dos dois aos seis anos atraem-se pelo universo encantado que a literatura infantil possibilita; que os contos são inerentes a infância e, que ainda configuram-se como uma arma valiosíssima, no bom sentido da expressão, no que tange o estímulo a leitura, porém quando usado de maneira correta, surgiu uma preocupação quanto à utilização deste instrumento pelos professores da educação infantil, primeira e mais importante etapa da educação formal, pois qualquer trauma nesta fase poderá acarretar problemas gravíssimos no futuro acadêmico das crianças.

Contudo, esta investigação além ter grande expressão para os profissionais de educação e aos acadêmicos de licenciatura em pedagogia, pois os possíveis equívocos encontrados durante sua realização auxiliará no tocante a prática pedagógica em sala de aula, já que estes dados servirão como exemplos que não devem ser desprezados quando o que se busca é desenvolvimento integral da criança. Para tanto, sua realização contou com a ajuda de alguns procedimentos metodológicos, que visavam o alcance dos objetivos propostos.

Procedimentos Metodológicos

Nessa perspectiva, convém elucidar o significado segundo o Dicionário Aurélio de metodologia: conjunto de técnicas, modos de agir e proceder utilizado para se chegar aos resultados esperados, indicando também a abordagem da pesquisa. Dentre estas técnicas está

a coleta de dados, considerada um dos aspectos fundamentais da mesma, pois são eles que a contextualizam e propiciam um contato íntimo com o objeto de estudo em questão, pois de acordo com Chizzotti (2003) os dados não são coisas isoladas.

A coleta de dados é a etapa em que se inicia a aplicação dos instrumentos e das técnicas, a fim de se obter informações que resvalam a pesquisa. Para tanto, os instrumentos para obtenção dos dados da presente pesquisa foram a observação (que requer a classificação das informações obtidas) e o questionário aberto; posteriormente analisados criticamente com base nos pressupostos teóricos, caracterizados como riquíssimo instrumento para aprofundamento e estudos destas informações, estes pressupostos advêm de variadas fontes, segundo Hortência Gonçalves (2003, p. 40):

Convém ressaltar que várias fontes de consulta podem ser utilizadas para sua elaboração, tais como: mídia (escrita e falada); documentos primários e secundários (ofícios, diários, testamentos, relatórios provinciais ou governamentais, boletins e prontuários médico-hospitalares, fichas clínicas etc.); entrevistas, autobiografias, psicobiografias, discursos, palestras etc., desde que suas referências sejam indicadas. É importante mencionar também que as fontes não devem ser resumidas, e sim analisadas, criticadas e interpretadas, podendo ser apresentadas não só de modo individual como principalmente relacionadas entre si, de forma a compor um debate que sustente a argumentação proposta pelo autor do projeto.

Portanto, um dos principais passos da investigação é a análise dos dados ou análise do conteúdo, que é método de reflexão e tratamento das informações colhidas durante a coleta de dados, esta etapa tem em vista a busca de sentido e compreensão do conteúdo explícitos e/ou ocultos durante a pesquisa.

Estrutura do trabalho

Os dados colhidos estão dispostos seqüencialmente na estrutura do trabalho, ou seja, no modo em que estão distribuídos os passos ou etapas de elaboração da mesma. Assim, a presente monografia está estruturada em três capítulos, que regem sobre os dados, teorias e discussões sobre o papel da literatura infantil no desenvolvimento da criança. Assim, o trabalho aqui exposto está construído da seguinte maneira:

O primeiro capítulo tece comentários sobre os métodos, técnicas, abordagem da pesquisa bem como aspectos referentes às colaboradoras da pesquisa, contextualizando o espaço observado, a aplicação dos instrumentais e categorias dos dados da pesquisa, ou seja, tratada das etapas da pesquisa.

O segundo capítulo trata da fundamentação teórica ou revisão bibliográfica da investigação, para a elaboração deste buscou-se subsídios nos referenciais teóricos de Fanny Abramovich, Nelly Coelho, Regina Zilberman dentre outros nomes que tratam do assunto.

E por fim, o terceiro capítulo apresenta as discussões e reflexões geradas pelos dados obtidos, através de observações e questionários aplicados. Estas discussões dadas com base nos pressupostos teóricos e propiciadas pela análise de conteúdo dão ênfase ao trabalho realizado; este capítulo é seguido pelas considerações finais sobre a temática.

CAPÍTULO I

O CAMINHO TRAÇADO PELA PESQUISA EM LITERATURA INFANTIL

Não há ensino sem pesquisa, e pesquisa sem ensino. Esses afazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino, continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar; constatando, intervenho; intervindo, educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

Paulo Freire

Este primeiro capítulo refere-se à metodologia utilizada na elaboração da pesquisa. Portanto, trata primeiramente da abordagem qualitativa e posteriormente dos mecanismos usados durante a aplicação da investigação. Com a finalidade de se atingir os objetivos previstos da pesquisa, nesta etapa foram usados a observação e o questionário, como forma de coleta de dados.

1.1 Abordagem da pesquisa

A investigação realizada objetivou compreender o papel da literatura infantil no desenvolvimento social, emocional, lingüístico e cultural das crianças. Para tanto, a pesquisa traz uma abordagem qualitativa, ou seja, aquela em que os pesquisadores investigam a significação das ações sobre a vida dos indivíduos em formação. Segundo Chizzotti (2003, p. 79):

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado.

Assim, partindo dessas considerações a pesquisa foi desenvolvida em duas escolas de Educação Infantil, cujos dados colhidos possibilitaram a compreensão do objeto de estudo *in lócus*, através da análise de conteúdo de ambos os instrumentos.

1.2 Agentes que contribuem na investigação

O enfoque desta investigação gira em torno da prática das professoras no que tange os momentos de contação de histórias e sua aplicabilidade no desenvolvimento das crianças. Para isso, a investigação contou com a colaboração de seis professoras, porém uma não entregou o questionário aplicado, identificadas aqui com nomes fictícios, para manter o sigilo e preservação de suas imagens. Para efeito de informação, abaixo segue a amostra de suas formações e tempo que atuam na docência das colaboradoras da pesquisa.

COLABORADORAS	FORMAÇÃO INICIAL	TEMPO DE PROFISSÃO
ANA	SUPERIOR	ACIMA DE 11 ANOS
FLOR	PÓS-GRADUADO	ACIMA DE 6 ANOS
MARIA	PEDAGÓGICO	ACIMA DE 7 ANOS
GIL	PEDAGÓGICO	ACIMA DE 8 ANOS
JOANA	SUPERIOR	1 ANO

Quadro A: perfil das colaboradoras da pesquisa
 Fonte: questionário aplicado com as professoras

1.3 Contextualizando a realidade

A pesquisa foi realizada em duas escolas de Educação Infantil, aqui representadas pelas siglas NB e SPF, localizadas na cidade de Parnaíba, as quais atendem crianças na faixa etária que vai de três a cinco anos de idade, nos turnos manhã e tarde.

A escola NB é mantida pela esfera municipal e tem cerca de 50 crianças, no turno da tarde. Os alunos são oriundos de uma classe econômica menos favorecida e residem nas circunvizinhanças da escola. A qual apresenta estrutura física adequada para seu pleno funcionamento, até mesmo por tratar-se de uma escola nova. Possui três amplas salas de aula muito bem arejadas, além da diretora, três banheiros (sendo um adaptado), espaço amplo para a realização de atividades mais lúdicas e uma brinquedoteca, em ótimo estado, apesar de ainda não dispor de material suficiente.

Já a escola SPF é da rede privada, oferta dois níveis de ensino (infantil e fundamental), sendo atendidas 40 crianças no ensino infantil, divididas em três salas de aula. Esses alunos provêm de uma classe econômica de poder aquisitivo mais elevado e são de diversos bairros da cidade. A escola também conta com boa estrutura para a finalidade a que se destina, dispondo de sete salas de aula, sendo três para o ensino infantil; assim como a outra entidade, possuem mobiliário adequado as necessidades das crianças. Esta, no entanto, possui parquinho de diversões e ampla área para a realização das atividades sociais e pedagógicas.

1.4 Observação

O início da coleta de dados nestas escolas se deu a partir das observações, que se detinham a aspectos pré-estabelecidos no roteiro de observações, o qual segue em anexo e contém perguntas como: As crianças mostram-se interessadas em ouvir histórias? Os professores propiciam o contato dos discentes com os livros? Os professores preparam o ambiente para o momento de contação de histórias? Quais procedimentos adotados pelos docentes durante esses momentos de contação de histórias? Pois, segundo Chizzotti (2003, p. 16): “As observações se detêm sobre alguns aspectos circunscritos a partir dos quais se apreende uma questão específica e a totalidade onde acontece a questão observada”.

Como o direcionamento desta etapa estava voltado para a prática docente no tocante ao objeto de estudo, permaneceu-se em contato com o foco do estudo, ou seja, observando as professoras em suas práticas, durante 8 horas em cada sala de aulas. Pois, levou-se em consideração a afirmação de Antonio Chizzotti (2003, p. 90) que diz:

.A observação direta pode visar uma *descrição* “fina” dos componentes de uma situação: os sujeitos em seus aspectos pessoais e particulares, o local e suas circunstâncias, o tempo e suas variações, as ações e suas significações, os conflitos e a sintonia de relações interpessoais e sociais, e as atitudes e os comportamentos diante da realidade.

1.5 Questionário

Porém, a presença de um desconhecido em qualquer ambiente acaba interferindo em sua rotina, por isso para complementar as informações buscou-se levar questionário onde as docentes podiam expor suas idéias sobre a temática. Pois, este instrumento consiste em um conjunto de questões pré-elaboradas, com a finalidade de apreciação pelo pesquisador das opiniões dos sujeitos pesquisados.

Para a realização da pesquisa, foram entregues a todas colaboradoras esse questionário que continha cinco questões abertas, fato que propiciou posteriores reflexões e confronto das idéias expostas com as observações desenvolvidas. Porém, as professoras demoraram a respondê-los e devolvê-los, alegando medo de divulgação de seus nomes.

1.6 Categorias de análise

Após a coleta de dados, realizada de acordo com os procedimentos indicados anteriormente, os mesmos passaram por uma análise e interpretação sistemática, ou seja, ocorreu a análise de conteúdo (técnica de tratamento de informações que busca compreendê-las criticamente). Segundo, Lakatos (2003, p. 168):

Na análise, o pesquisador entra em maiores detalhes sobre os dados decorrentes do trabalho estatístico, a fim de conseguir respostas às suas indagações, e procura estabelecer as relações necessárias entre os dados obtidos e as hipóteses formuladas. Estas são comprovadas ou refutadas, mediante a análise.

Nesta etapa, acaba havendo uma redução de algumas informações contidas na pesquisa, pois há uma categorização dos dados afins. Portanto, a reflexão dos dados obtidos com a presente pesquisa possibilitou as seguintes categorias:

- A compreensão sobre a literatura (enquadrando-se nesta a formação docente);
- Frequência em que são contadas histórias infantis em sala de aula;
- Consciência do papel que a literatura infantil exerce no cotidiano do aluno.

Estas categorias darão o suporte necessário para a formulação do capítulo que trata da análise de dados, e subsidiarão as posteriores discussões sobre a temática, fundamentada teoricamente no próximo capítulo.

CAPÍTULO II

LITERATURA INFANTIL: A HORA DA HISTÓRIA

Ouvir histórias é viver um momento de gostosura, de prazer, de divertimento dos melhores... É encantamento, maravilhamento, sedução... O livro da criança que ainda não lê é a história contada. E ela é (ou pode ser) ampliadora de emoção deflagrada, suspense a ser resolvido, torcida desenfreada, saudades sentidas, lembranças ressuscitadas, caminhos novos apontados, sorriso gargalhado, belezuras desfrutadas e as mil maravilhas mais que uma boa história provoca... (desde que seja boa)

Fanny Abramovich

O segundo capítulo, traz discussões primordiais no que se refere à compreensão da literatura infantil. Assim, este se encontra dividido em três subtópicos que abordam questões fundamentais para o entendimento da temática. No primeiro tópico há uma definição de literatura; o segundo trata do advento da literatura infantil clássica e, concomitantemente, abordará sobre alguns pontos da história da literatura brasileira; e finalmente, no último tópico são levantadas algumas contribuições da aplicabilidade deste gênero literário nas salas de aula. Para tanto, estas discussões baseiam-se nas bases teóricas de Abramovich (2008), Nelly Coelho (2008), Cademartori (2006), Zilberman (2009) dentre outros.

2.1 O que é literatura infantil?

O conceito de literatura infantil é uma questão que esta ganhando a atenção de professores e pesquisadores em educação, por tratar-se de uma das formas literárias mais recentes. Contudo sua definição requer uma reflexão mais aprofundada, pois embora não sabendo defini-la com exatidão todos possuem uma noção ao seu respeito, segundo Lígia Cademartori (2006, p. 7): “O que é literatura infantil, de certo modo, todo mundo sabe. Isto porque a maior parte das pessoas tem algo a ver com criança – seja filho, vizinho, sobrinho, aluno- e, razão inquestionável, todos já foram criança”.

O conceito de literatura infantil está ligado diretamente ao conteúdo dessa produção, sua existência é legitimada devido ao seu destinatário, e é marcada profundamente pela adjetivação recebida, ou seja, a palavra infantil no caso é o qualificador dessa literatura, para alguns, chamada de paraliteratura, segundo Socorro Rios (2001, p. 21): “Desta forma, a

especificidade do gênero literário infantil é dada a partir de seu destinatário, o que implica uma conceituação extraliterária, uma vez que o adjetivo *infantil* diz respeito ao leitor e não a literatura”.

Esta afirmação comprova-se na seguinte fala de Maria Palo e Maria Oliveira (2006, p. 5), que dizem: “O tema literatura infantil leva-nos de imediato à reflexão acerca do que seja esse “infantil” como qualitativo especificador de determinada espécie dentro de uma categoria mais ampla e geral do fenômeno literário”.

E ainda por Lígia Cademartori (2006, p.21) que fala:

O adjetivo, já ensinava nossa antiga professora, determina o substantivo, qualificando-o. Quando se fala em literatura infantil, através do adjetivo, particulariza-se a questão dessa literatura em função do destinatário estipulado: a criança.

Devido esta conceituação alguns estudiosos entendem a literatura infantil como um conjunto de obras composto por: lendas, parlendas, fábulas, teatro entre outras produções. Porém outros autores defendem a idéia de que só caracteriza-se como literatura os textos escritos em prosa ou poesia, como diz Socorro Rios (2001, p. 24): “(...) deve-se, então, eliminar tudo aquilo que não pertence realmente ao campo da literatura, como teatro e o quadrinho, integrantes de outros campos semióticos...”

Assim precisa-se entender o amplo significado destinado a literatura infantil, vejamos então como o Dicionário Aurélio conceitua as duas partículas que compõem essa expressão:

. Literatura- 1. Arte de compor trabalhos em prosa ou verso. 2. Os conjuntos de trabalhos dum país ou duma época.

. Infantil- 1. Próprio da infância ou para crianças; pueril. 2. Ingênuo, tolo.

Tal conceituação afirma o que foi dito anteriormente. Nesse sentido, o acervo que engloba a literatura infantil é composto por textos variados e heterogêneos, onde a única coisa que tem em comum é seu consumidor, ou seja, a criança.

Porém alguns estudiosos ignoram ou discordam dessa afirmação, pois julgam existir uma relação de dependência do gênero ao leitor, porque a criança só lê o que desperta seu interesse, havendo assim um privilegio em relação a seu destinatário, não chegando, portanto, a uma conceituação de literatura infantil, pois a criança não produz as obras, que

geralmente são criadas por adultos, como afirma Alceu Amoroso citado por Socorro Rios (2001, p.22): “Só no dia em que houver boas histórias de crianças para crianças, é que se pode falar da existência de uma literatura infantil”.

De acordo com esta ótica, para que a literatura infantil mereça tal adjetivação ela deveria ser de criança e não somente para criança, seu grande consumidor. A Literatura Infantil é comprada por adultos, que são quem ditam à criança o que ler ou não, ainda que haja o lado pedagógico das obras literárias, elas são destinadas ao consumidor infantil da sociedade contemporânea reinada pelo consumo em grande escala, como afirma Palo e Oliveira (2006, p. 5): “Estabelece-se, assim de forma inquestionável e extremamente natural, um vínculo entre dominador e dominado, que, na verdade, reproduz o modelo capitalista de organização social”.

Contudo esse consumismo impresso na sociedade perpassa por todos os segmentos da vida cotidiana, e está estabelecida neste gênero por meio da manifestação de uma das relações de dependência mais presentes na sociedade, que é a: adulto/criança, como trata Cademartori (2006, p. 21): “A relação adulto/criança é caracterizada por um jogo de forças no qual a criança é dependente, marcada que é física, intelectual, afetiva e financeiramente pela carência”.

Mas, apesar dessa dependência, estabelecida desde os primórdios da humanidade, o ponto central da discussão gira em torno da tomada de consciência e amadurecimento pela criança, propiciados durante a infância por elementos específicos da literatura infantil como o diálogo, promovido por ela.

Portanto, podemos estabelecer o conceito de literatura infantil *a priori* como a literatura que desperta na criança emoções e prazeres vividos no dia-a-dia, os quais contribuem para sua formação em todo seu aspecto bio-psico-social.

A literatura, por sua vez, propicia uma reorganização das percepções do mundo e, desse modo, possibilita uma nova ordenação das experiências existenciais da criança. A convivência com textos literários provoca a formação de novos padrões e o desenvolvimento do senso crítico. (Cademartori: 2006, p. 18)

Nesse sentido, é possível constatar que a literatura infantil é uma fonte rica de informações e conceitos necessários para a vida em sociedade, sua contribuição perpassa por todos os aspectos em formação da criança, como diz Cademartori (2006, p. 23):

A literatura infantil se configura não só como instrumento de formação conceitual, mas também de emancipação da manipulação da sociedade [...] a literatura surge como um meio de superação da dependência e da carência por possibilitar a reformulação de conceitos e a autonomia do pensamento.

Assim, a infância está ligada diretamente ao imaginário, fator preponderante à existência da literatura infantil, pois a mesma utiliza-se do irreal para tratar o real de forma não brusca. Tornando-se explícitas as contribuições da literatura infantil ao desenvolvimento da criança.

Os avanços da psicologia infantil tornam claro que a criança também é cheia de conflitos, medos, dúvidas e contradições, não por desconhecer a realidade, mas por trazer em si a imagem projetada do adulto. Pois nas histórias, a criança se projeta momentaneamente nos personagens, vivenciando um contato mais estreito com seus sentimentos e elaborando seus conflitos e emoções.

2.2 O era uma vez da literatura infantil clássica

Caracterizando-se como uma forma literária nova, a literatura infantil traz consigo uma grande contradição quanto seu surgimento, decorrente da ascensão burguesa, das revoluções industriais e tecnológicas e do surgimento de campos como: a psicologia e a pedagogia. Alguns dizem que sua origem se deu no século XVII, com o francês Perrault, e outros datam o século XVIII para a criação da literatura infantil. De acordo com Lígia Cademartori, no século XVII, Perrault coleta histórias medievais (contos e lendas), os quais passaram por adequações¹ e transformaram-se nos famosos contos de fadas.

No entanto, vale ressaltar que antes mesmo desta coleta a arte de contar histórias já fazia parte da cultura da humanidade, pois nossos ancestrais propagavam seus ensinamentos por meio de histórias, ainda que apenas na tradição oral. Portanto, embora muitos queiram relacionar o surgimento da literatura infantil com a criação do primeiro livro de histórias, nota-se que esta se dá desde os primórdios das civilizações, mesmo que desenvolvida apenas oralmente. E atualmente, com tanta evolução o primeiro contato das crianças com a literatura infantil é através da voz dos pais, professores. Como diz Fanny Abramovich (2008, p.16): “O

¹ Muitos desses contos tradicionais originalmente trazem marcas de violência contra crianças. Chapeuzinho Vermelho é um exemplo claro destas formulações realizadas por Perrault, pois de acordo com a tradição oral, este conto remonta a história de Cronos, um deus que engole seus filhos ao nascerem.

primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente, através da voz da mãe, do pai ou dos avos, contando contos de fadas, trechos da Bíblia, histórias inventadas...”

Contudo, a literatura infantil tem seu surgimento ligado a grandes transformações, como as causadas pela revolução industrial, marcada como inovadora e propiciadora de uma maior produção artística, e a ascensão da burguesia, que tem a seu favor a família, buscando uma vida estável.

Nesse contexto, a criança teve suas necessidades e características reconhecidas, fato que iniciou a criança no consumismo, como trata Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2009, p. 17):

A criança passa a deter um novo papel na sociedade, motivando o aparecimento de objetos industrializados (o brinquedo) e culturais (o livro) ou novos ramos da ciência (a psicologia infantil, a pedagogia ou a pediatria) de que ela é destinatária.

De acordo com esta vertente, podemos afirmar então, que a literatura é tratada como mercadoria desde sua criação, iniciada por volta do século XVII e assinalada, no entanto, no século XVIII. Ao escutarmos o termo literatura infantil nos remetemos aos famosos contos de fadas, que tiveram como percussores: o francês Charles Perrault, Jacob e Wilhelm Grimm (alemães) e o dinamarquês Christian Andersen.

Segundo Zilberman e Lajolo (2009, pag. 15): “As primeiras obras publicadas visando ao público infantil aparecem no mercado livreiro na primeira metade do século XVIII”. No entanto, foi em 1697 que Charles Perrault publicou seu livro *Os Contos da Mamãe Gansa*, que trazia a reunião de contos e lendas catalogados por ele mesmo. Porém, este atribui a autoria da obra a seu filho Pierre Darmancourt, pois na época a literatura infantil era tratada como um subgênero literário, o que poderia manchar a imagem de Perrault que já tinha um nome consagrado na sociedade de então.

A coleção de textos de Perrault considerado o pai da literatura infantil incluía as fábulas de La Fontaine e Fénelon, de acordo com Lajolo e Zilberman (2009, pag. 16):

Perrault não é responsável apenas pelo primeiro surto de literatura infantil, cujo pulso inicial determina, retroativamente, a incorporação de textos citados de La Fontaine e Fénelon. Seu livro provoca também uma preferência pelo conto de fadas.

Perrault teve contado com estas histórias medievais através de contadores de histórias, que trabalhavam como servos. Depois das adaptações sofridas, os contos adquiriram caráter moralista e pedagógico, segundo Lígia Cademartori (2006, pag. 36):

(...) seus contos, em alguns momentos, caracterizam-se por um certo sarcasmo em relação ao popular. Ao mesmo tempo, são marcados pela preocupação moralizante através de uma literatura pedagógica.

Portanto, afirma-se que o caráter didático-pedagógico embutido na literatura infantil já está arraigado, pois este a acompanha desde seu surgimento. Desse modo é possível afirmar que a obra de Perrault era destinada a burguesia e trazia em seu bojo, além dos objetivos moralizantes, aspectos referentes aos interesses de sua classe, como diz Cademartori (2006, pag. 36):

Além dos propósitos moralizantes, que não têm a ver com a camada popular que gerou os contos, mas com os interesses pedagógicos burgueses, observem-se os seguintes aspectos que não poderiam provir do povo: referências à vida na corte, como em A Bela Adormecida; á moda feminina, em Cinderela; ao mobiliário, em O Barba Azul.

Contudo, o fato de Perrault ter feito este resgate dos contos populares, que já vinham sendo contados antes mesmo de seu nascimento, é que lhe é atribuído o título de iniciador da literatura infantil.

A coleta de contos populares realizadas por Perrault foi o pontapé inicial para o surgimento da literatura infantil clássica e abertura para outros feitos similares. Durante o século XIX os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm também realizaram um resgate de contos e lendas tradicionais conhecidos através da tradição oral, os quais editaram e lançaram em uma coleção que se tornou sinônimo da literatura infantil, pois continha obras como: João e Maria, Rapunzel, A Bela Adormecida entre outros. Embora Perrault seja intitulado “o pai da literatura infantil”, foi através dos irmãos Grimm que esta conseguiu se firmar e constituir-se como um gênero literário.

Para realizar esta coleta de contos os Irmãos Grimm viajaram por toda Alemanha pesquisando e registrando, durante a noite, tudo o que conseguiam coletar. Contudo dizem que esta coletânea só tornou-se possível devido duas mulheres, segundo Nelly Coelho (2008, p. 29):

Duas mulheres teriam sido as principais testemunhas de que se valeram os Irmãos Grimm para essa homérica recolha de textos: a velha camponesa Katherina Wieckmann, de prodigiosa memória, e Jeannette Hassenpflug, descendente de franceses e amiga íntima da família Grimm.

Assim as narrativas guardadas na memória popular foram resgatadas e formaram a coleção que acabou conhecida como “Contos de Fadas para Crianças e Adultos”. As obras de Jacob e Wilhelm Grimm foram influenciadas pelos ideais da época (principalmente o ideário cristão), os quais os levaram a reformularem seus contos, retirando as marcas de violência presentes nas narrativas orais, com a finalidade de os tornarem mais pueris e acessíveis ao público a que se destinam. De acordo com Fanny Abramovich (2008, p. 123) suas obras foram voltadas ao fantástico e a narração é envolvida por uma atmosfera poética.

Ainda dentro da perspectiva que trata dos inspiradores da literatura infantil clássica um nome importante é o do dinamarquês Christian Andersen, que contribuiu significativamente no surgimento deste gênero literário recente. Considerado o mais popular, até mesmo por ser filho de família pobre, punha em suas obras ideais religiosos e valores sociais inerentes a formação do bom caráter humano. Andersen ganhou grande destaque devido suas narrativas se inspirarem no dia-a-dia social e conterem uma linguagem pura como diz Coelho (2008, p. 31):

Sintonizado com os ideais românticos de exaltação da sensibilidade, da fé cristã, dos valores populares, dos ideais da fraternidade e da generosidade humana, Andersen se torna a grande voz a falar para as crianças com a linguagem do coração; transmitindo-lhes o ideal religioso que vê a vida como o “vale de lágrimas” que cada um tem que atravessar para alcançar o céu. A par do maravilhoso, seus contos se alimentam da realidade cotidiana, na qual imperam a injustiça social e o egoísmo.

Estas características marcantes de suas obras explicam por si só o fascínio que suas narrativas exercem tanto sobre as crianças quanto nos adultos. Dentre seus contos mais conhecidos estão: O Patinho Feio, A Sereiazinha e o Soldadinho de Chumbo. Assim, verifica-se em seus textos a busca pelo crescimento, reconhecimento e sucesso próprios, mediante comportamentos “adequados” à sociedade. Uma característica peculiar de seus contos é o clima de nostalgia e desamparo que cerca os personagens, provavelmente espelho da vida do próprio autor, que sofrera com as dificuldades de uma infância simples e necessitada.

Assim, é inegável a contribuição desses primeiros autores para o surgimento da literatura infantil, no entanto os escritores do século XIX também tiveram grande parcela de responsabilidade na produção literária destinada à criança que, embora iniciada na França,

teve sua proliferação na Inglaterra, devido fatores externos que viabilizavam sua produção e comercialização, como: o carvão, sua potência marítima e outros.

Nesta perspectiva, a literatura infantil passa a ter grande importância na escola, pois a produção literária destinada à infância, em sua grande maioria, é formulada através do código lingüístico escrito. Logo, “espera-se que o “leitor Infantil” tenha a mínima aquisição da leitura, como diz Zilberman e Lajolo (2009, pag. 18): “Por outro lado, porque a literatura infantil trabalha sobre a língua escrita, ela depende da capacidade de leitura das crianças, ou seja, supõe terem estas terem passado pelo crivo da escola.” Nesse contexto a literatura infantil insere-se, a partir do século XIX graças a produção em série, no ambiente escolar o qual, infelizmente, durante muito tempo não saberá aproveitar suas virtudes.

2.2.1 Literatura infantil brasileira

A história da literatura infantil brasileira é representada inicialmente pela tradução e adaptação de historinhas da literatura europeia clássica que chegava à população brasileira através de Portugal, porém o idioma tornava-se um empecilho aos leitores mirins do Brasil, fato que propiciou o surgimento de vários programas editoriais, durante o século XIX período em que o Brasil passava por uma reforma política, pois deixava de ser monarquia para ser república. Contudo, os escritores desta época mantinham boas relações com órgãos governamentais, fato que propiciava uma produção literária em grande escala, como diz Lajolo e Zilberman (2009, p. 29): “não faltava também os atavios de recompensa financeira: via de regra, escritores e intelectuais dessa época eram extremamente bem relacionados nas esferas governamentais, o que lhes garantia a adoção maciça dos livros infantis.”

Contudo, havia um grande apelo educacional frente à necessidade dos livros infantis, neste contexto começaram a circular pelo Brasil obras como: Contos Seletos das mil e uma noites, D. Quixote de La Mancha, traduzidos por Carlos Jansen; Contos da Carochinha, Histórias da avozinha e Histórias da Baratilha (que continham contos de Perrault, Andersen e dos Irmãos Grimm) traduzidos por Figueirêdo Pimentel.

Ainda, nesta época apareceram as primeiras produções nacionais para crianças, iniciada por Júlia Lopes de Almeida e Adelina Lopes de Vieira com o livro “Contos Infantis”. Porém, as obras deste século (XIX) tinham cunho muito patriótico, mantinham uma espécie de unfanismo que impregnava desde os livros didáticos e romances até a própria literatura infantil.

No entanto, foi no século XX que a literatura infantil ganhou identidade. Pode-se afirmar que ela inicia-se de fato através de Monteiro Lobato, considerado o pioneiro da produção literária nacional com qualidade voltada à infância, que começou escrever para este público após ter sido preso durante a Era Vargas, como diz Heléna Zancan (2001, p. 66):

(...) mas sente-se incompreendido pela sociedade (foi preso durante o governo Vargas) e desilude-se amargamente com o mundo adulto. Dá-se conta, então, que para transformar a sociedade era preciso investir na criança e se atira de corpo e alma a essa tarefa.

Frente esta constatação, Lobato inicia sua carreira literária para crianças publicando *a priori* “A Menina do Narizinho Arrebitado”, que teve grande aceitação do público e é adotada em escolas públicas de São Paulo. Lobato cria então, sua obra mais famosa: “O Sítio do Pica-Pau Amarelo”, depois evidenciado como uma oposição a cultura nacional do momento.

Assim, a literatura acompanha a evolução dos aspectos culturais que vigoram em cada época, como trata Abramovich (2008, p. 44): “Assim, desenvolveram-se, paralelamente, dois tipos de cultura no Brasil: uma européia, elitista, livresca; outra, nativa, popular, agráfica”.

Este último tipo é representado claramente na obra de Lobato (Sítio do Pica-Pau Amarelo), pois embora se encontre no Sítio a D. Benta- a vovó contadora de histórias e muito culta; há também a Tia Anastácia- a cozinheira negra conhecedoras de vários contos populares. Foram essas entre outras personagens de Lobato que arrebatam o coração e a imaginação de crianças até hoje.

A contribuição de Monteiro Lobato para o surgimento de uma literatura infantil brasileira é inquestionável, pois segundo Zancan (2001, p. 69):

Lobato foi antes de tudo um inovador, pois assumiu com clareza e coragem um compromisso com o mundo infantil e com a arte literária, sem menosprezar a capacidade da criança, mas, ao contrário, apostando nela e no seu poder de transformação.

Porém, depois do afastamento de Lobato da produção literária nacional, nomes como: Lúcia Machado de Almeida e Francisco Marins surgem no cenário brasileiro. Assim,

como surgem programas e organizações voltadas à literatura infantil, segundo Zilberman e Lajolo (2009, p. 123):

Multiplicam-se, nos anos 60, instituições e programas voltados para o fomento da leitura, e a discussão da literatura infantil. É por essa época que nascem instituições como a Fundação do Livro Escolar (1966), a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (1968), o Centro de Estudos de Literatura Infantil e Juvenil (1973), as várias Associações de Professores de Língua e Literatura, além da Academia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil, criada em São Paulo, em 1979.

A instalação de tais instituições foram fatores preponderantes para o ganho de forças da literatura infantil, na década de 70, para dar continuidade ao projeto literário de Monteiro Lobato, pois foi a partir de então que se voltou a investir capital em cultura, fato que propiciou co-edições de livros em escala expressiva. Assim, o próprio Estado, nesta época, passa a apoiar a iniciativa privada de editoras, como trata Lajolo e Zilberman (2009, p. 134):

Os anos 70 assistem a uma reformulação completa do Instituto Nacional do Livro (INL), que passa a bancar número considerável de co-edições. (...) A partir de então, o Estado dá seu apoio à iniciativa privada, não mais favorecendo autores, mas grandes editoras, numa atitude análoga à que assume frente à vários outros ramos da indústria brasileira.

Nesse contexto, as produções literárias brasileiras buscam inspiração na diversidade das narrativas de outros países, há uma retomada dos clássicos contos de fadas, porém de modo mais atualizado e, passando até mesmo a assumir tons de protesto frente à realidade vivenciada no momento. A partir daí, a literatura infantil ganha nova vertente e gênero, pois passa a produzir livros de cunho fictício, policial e até mesmo científico para o público infantil e juvenil, colocando as próprias crianças como os mocinhos e heróis das narrativas. Como pode ser observado no livro de João Carlos Marinho, “O Gênio do Crime” (1969), onde uma turma de crianças, lideradas por Gordo- personagem que aparece em várias outras obras do autor- desbaratam uma quadrilha de falsificadores tornando-se os heróis da trama.

Desse modo, a literatura infantil brasileira transita pelo mundo maravilhoso e encantado dos contos de fadas e passa a olhar para aspectos da realidade sem abandonar a fantasia, o humor e a poesia, bem como se reinventando através das histórias em quadrinhos,

teatro, música, etc. Nesse sentido, o humor aparece como aspecto marcante na produção nacional de livros infantis, diz Fanny Abramovich (2008, p. 44):

Há autores que, em diferentes livros, apontam de modo irônico, gozativo, facetas do comportamento adulto- não exatamente as mais exemplares- mas as mais humanas e facilmente encontráveis e reconhecíveis (...)

Portanto, o primeiro contato das crianças com esse tipo de literatura dá-se por meio das tradições folclóricas, principalmente por músicas infantis, como: Boi da cara preta, Ciranda cirandinha entre outras, segundo Helena Zancan, estas se configuram material riquíssimo na apreensão do gosto pela literatura. Sendo essa a bagagem cultural que a criança traz quando chega à escola, devendo ser aprimorado e ampliado pelo professor.

Depois que as crianças ingressam nas escolas passam a ter acesso a “diversos” livros de literatura infantil, dentre eles os livros de seqüências de imagem, os quais possibilitam a criança ter conhecimento das historinhas exclusivamente pelas imagens. Assim, esses abrem as portas para o gosto pelas histórias em quadrinhos, que também são carregadas de imagens e linguagem de fácil compreensão, estimulando a elaboração da seqüência lógica dos fatos. No entanto, durante os momentos de contação de histórias, alguns professores com especialidades maiores neste âmbito, utilizam-se até mesmo de instrumentos teatrais, como: efeito de luzes, entonação na voz, fantasias etc.

Entretanto, os livros destinados a crianças acabam adquirindo um status de objeto artístico, principalmente aqueles destinados a faixa etária até cinco anos, pois o fato destes ainda dominarem a leitura a configuração estética requer uma diversidade de material e recursos gráficos, para que possa permitir vários níveis de leitura. Segundo

Pode-se afirmar, então, que o livro infantil constitui um conjunto de sistemas semióticos, porque, além do verbal e da ilustração- que pode se subdividir em outras tantas linguagens, conforme a(s) técnica(s) utilizada(s)- existe ainda um projeto gráfico a se considerar, com a variação de tamanhos e formatos, a profusão de cores etc. (Hércules Corrêa: 2008, p.90)

Assim, observa-se que a atração inicial pelos livros é causada mais por seus aspectos visuais do que pela literatura em si. O avanço tecnológico que tem se manifestado no ramo editorial mostra preocupação que vai além do texto, com capas de livros que se abrem e transformam-se nas mais diversas formas (casas, castelos, animais etc.), há um cuidado,

portanto, com formatos que facilitem o transporte dos mesmos, tendo obras que servem até como objeto de decoração. Podendo ser observado vários designs nos livros, segundo Abramovich (2008, p.26):

Alguns têm formato sanfonado, de modo a permitir que a história de várias maneiras, juntando partes longínquas, aproximando o inaproximável... Em outros, uma página inteira salta para fora e fica de pé, parada, firme e forte! Há também os que convidam o leitor a movimentar um avião (e ele salta!!) ou a deslocar um trombone para as mãos de outro músico de banda, desde que se mexa em plaquetas devidamente indicadas (..).

Contudo o que se observa é uma literatura infantil brasileira preocupada com o despertar do senso crítico, embora algumas narrativas ainda tragam em seu bojo um tom de saudosismo. A literatura infantil atinge hoje um campo diversificado onde as expressões do cotidiano estão presentes, como: o tédio, o aborrecimento, a alegria entre outras.

2.3 A LITERATURA INFANTIL NA ESCOLA

Ao longo desta discussão observou-se que a literatura infantil e a escola estão ligadas intrinsecamente, podendo até afirmar-se que ambas nascem de mãos dadas, havendo uma relação de dependência entre as mesmas, como diz Lajolo e Zilberman (2009, p. 18):

(...) depende também da escolarização da criança, e isso a coloca numa posição subsidiária em relação à educação. Por consequência, adota posturas às vezes nitidamente pedagógicas, a fim de, se necessário, tornar patente sua utilidade.

Assim, a literatura infantil torna-se inseparável da escola, pois confere à criança uma forma diversificada e encantadora de acesso ao saber, por possuir seletivo e variado repertório cultural em seus diferentes gêneros, proporcionando a localização social, a identificação da realidade em que se insere e até mesmo a descoberta do próprio eu. Contudo, o primeiro contato da criança com a literatura infantil ocorre antes de estas ingressarem na vida escolar, ou seja, antes mesmo da aquisição da escrita e da leitura.

A tradição de ouvir história exerce papel preponderante na formação de qualquer criança; ouvir e ler são os únicos meios de aprendizagem de um bom leitor, pois a leitura traz consigo o caminho de descobertas e compreensão de mundo. O primeiro contato com algum tipo de leitura dá-se de maneira oral e, é possibilitada nos primeiros anos de vida de uma

criança, na educação infantil, onde se tem espaço reservado para o contato com fábulas. Os contos possibilitam caminhos para leitura, que se dá ou é compreendido melhor, quando incentiva a criação imaginária do que está sendo lido, para a descoberta de novas palavras e, conseqüentemente o desenvolvimento lingüístico, como diz Fanny Abramovich (2008, p.16):

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ver muitas histórias... Escutá-las é o único meio da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo (...)

Portanto, considerar a importância das histórias no desenvolvimento das crianças é um grande passo para a compreensão das mesmas em seus processos psíquicos complexos. Pois os cantinhos de leitura dão à criança a oportunidade de estabelecerem contato com o livro infantil, certeza da transmissão dos valores inerentes à vida em sociedade; pois estas historinhas possuem a função de auxiliar na construção do imaginário, de acordo com Coelho:

A função pedagógica dos contos de fadas, quase como regra, era afastar os pequenos dos perigos... Além disso, encontra-se em muitos desses contos a defesa de valores como a virtude, o trabalho e a esperteza (...)

Com os contos de fadas as crianças aprendem a ler através de imagens, que é a única linguagem que permite a compreensão e aquisição da maturidade psicológica. O ato de ouvir história auxilia a criança no seu processo de alfabetização, pois quanto mais ela ouvir, mais aguçará sua capacidade de imaginar as situações apresentadas e desenvolver seu mundo simbólico. Histórias que possuam materiais ricos para estimular a fantasia propiciam satisfações imaginárias que demonstram o valor e o mérito da leitura. Sendo assim, são nestas práticas que surge a relação leitura-literatura, que segundo Coelho: transformam a criança num futuro leitor autônomo.

Assim, o texto literário deve levar em conta as habilidades cognitivas da criança a que se destinam, pois de acordo com a abordagem cognitiva do conhecimento, a criança aprende com o que ela é capaz de fazer sozinha e, não com o que ela não dá conta de fazer com a ajuda do outro.

Por isso, há que se oferecerem produtos de qualidade para cada criança no seu desenvolvimento bio-psico-social. Portanto, cada criança procurará nos contos de fadas um

significado diferente de acordo com suas necessidades e interesses em cada fase de sua vida, já que os mesmos falam de medo, amor, carências, buscas etc.

Durante a leitura a criança se projeta momentaneamente nos personagens e penetra no mundo da fantasia, vivenciando um contato mais íntimo com seus sentimentos e descobrindo novas emoções, daí a necessidade de textos que considerem as faixas etárias na educação infantil, como explica Coelho:

(...) a literatura infantil vem sendo criada, sempre atenta ao nível do leitor a que se destina... (...) e consciente de que uma das mais fecundas forças para a formação dos imaturos é a imaginação – espaço ideal da literatura. É pelo imaginário que posso conquistar o verdadeiro conhecimento de si mesmo e do mundo em que lhe cumpre viver.

Por isso, quanto mais se acentuar no cotidiano da escola infantil esses momentos, mais se estará contribuindo com a formação de indivíduos que gostam de ler e vêem na literatura uma fonte de prazer e divertimento. E, por meio do processo de identificação, o leitor infantil aprende a lidar com seus próprios sentimentos. Ao viver intensamente as situações dos personagens, sofrer, lutar, alegrar-se com suas vitórias e finais felizes, a criança cria instrumentos para lidar com o mundo ao seu redor. Com isso, elas aprendem a reconhecer as suas próprias dificuldades e descobrem como lidar com elas; aprendem a se reconhecer melhor e também a conhecer o mundo que o cerca, como fala Coelho:

(...) descobre-se agora que o verdadeiro do eu não se dá por um orgulho inconsciente (por meio de um processo interior, subjetivo, solicitário), mas sim por meio do reconhecimento do eu em interação com o outro por meio de experiências vitais e solicitárias que mesclam reações interiores do ser e dados exteriores a ele.

As histórias infantis têm grande significado no desenvolvimento das crianças, pois refletem situações emocionais, fantasias, curiosidades e enriquecimento do desenvolvimento perceptivo. A leitura de histórias influi em todos os aspectos da educação infantil:

- Na afetividade: desperta a sensibilidade e o amor a leitura;
- Na compreensão: desenvolve o automatismo da leitura rápida e compreensão;
- Na inteligência: desenvolve a aprendizagem de termos e conceitos.

Nesse contexto, o conto de fadas e de um modo geral as histórias infantis podem ser ricos instrumentos de trabalho, desde que se mantenha sua função original: de propiciar inúmeras contribuições às crianças em desenvolvimento. No campo emocional podem ajudar

as crianças a elaborarem e vencer dificuldades psicológicas complexas, pois oferecem a possibilidade de construir uma ponte entre o mundo inconsciente e a realidade externa, visto que há em cada história uma linguagem simbólica que se comunica diretamente com o consciente.

Diante de tão expressiva contribuição dos contos de fadas para a educação, resta aos professores organizar sua prática pedagógica de forma que promova o interesse pela leitura, a qual é um processo onde o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão de texto; quebra a idéia de que ler é fixar códigos e palavras. Contudo, a literatura infantil é fonte inesgotável de contribuição que favorece a compreensão de si e do mundo. Uma história pode ser o foco de uma conversa, por exemplo, e ser capaz de reintroduz o que é humano no ambiente pautado pela crítica ou julgamento e, principalmente pela competição, que são características presentes na sociedade contemporânea.

Desse modo, a literatura fornece subsídios para a criança, através da fantasia e da imaginação, apreender “mecanismos” que lhes garantam a sobrevivência em uma sociedade regida pelo consumismo, onde o homem na tentativa de alcançar objetivos abandona seus preceitos morais e éticos, resgatados, embora que criticada por alguns estudiosos, pela literatura infantil.

A literatura infantil é também ludismo, é fantasia, é questionamento, e dessa forma consegue ajudar a encontrar respostas para as inúmeras indagações do mundo infantil, enriquecendo no leitor a capacidade de percepção das coisas. Zancan (2001, p. 16):

As histórias proporcionam meios às crianças para desenvolverem habilidades facilitadoras do processo de aprendizagem, que podem ser observadas no aumento do vocabulário, da criatividade, da criticidade, do repertório lingüístico, etc. Enfim, é necessário que o professor saiba selecionar textos de caráter formativo que possibilitem o desenvolvimento da criança, podendo usar, portanto as histórias infantis, que além de ser caracterizadas como fontes de prazer, entretenimento e conhecimento, merecem ser exploradas com mais criatividade.

Contudo, para que o professor possa estimular as crianças de modo eficaz é necessário conhecer quais estilos ou gêneros são apreciados por seus alunos. Segundo Helena Zancan (2001, p. 39), Richard Bambegeer aponta cinco fases de leitura ou interesse literário, relacionadas abaixo, estabelecidas de acordo com o nível de amadurecimento psicológico da criança e do adolescente:

1ª Fase: versos e livros de gravuras (entre dois a cinco ou seis anos), fase do egocentrismo;

2ª Fase: contos de fadas (cinco a oito ou nove anos), fase que corresponde ao pensamento mágico;

3ª Fase: histórias ambientais ou factuais (nove a doze anos), nível intermediário entre o fantasioso e o real, o palpável;

4ª Fase: histórias de aventura, sentimentais e sensacionalistas (12 a 14 ou quinze anos), fase do reconhecimento do eu e seu lugar na sociedade;

5ª Fase: histórias de amor, temas sociais, autobiografias e relatos de viagens (de 14 a 17 anos), fase de construção de valores e organização do universo próprio.

No entanto, esta escala deve ser usada apenas como orientação para professores que se utilizam da literatura como um instrumento em sua prática pedagógica, pois o gosto por determinado gênero varia de acordo com o leitor. Assim, várias atividades são possíveis com as narrativas encontradas na literatura infantil, afinal se descobrem novas palavras, se deparam com a música e com a sonoridade das frases.

Essas atividades são possíveis pela natureza da linguagem simbólica, carregada de sentidos que deixa o leitor livre para realizar uma leitura própria dos textos. Para tanto, elenca-se algumas sugestões para a contação de historinhas em sala de aula:

- Através dos cantinhos de leitura, pois aperfeiçoam a pronúncia de palavras e a dicção;
- A partir de dramatizações, com fantoches ou teatro, estimulando a imaginação, a sonoridade e a temporariedade das narrativas;
- Por meio de álbuns seriados;
- Através da leitura e interpretação, pausadamente para que a criança possa ter tempo para assimilar e construir as histórias em sua imaginação;
- Apresentando ilustrações ou vídeos infantis, despertando o entusiasmo e emoções mediante as ações e sentimentos dos personagens.

Estas atividades são fundamentais para a execução de tarefas simples como ouvir e falar, que são consideradas mecanismos indispensáveis no processo de ensino-aprendizagem, segundo Ligia Cademartori (2006, p. 69): “A manipulação lúdica dos sons da língua pela criança, fruição do sonoro independentemente do significado, constitui-se em parte fundamental do desenvolvimento lingüístico.”

Assim, percebe-se que é na idade pré-escolar que se deve favorecer o aprimoramento destas duas atividades primárias, estimulando o potencial lingüístico de cada

criança, as quais são condições essenciais no processo de aquisição da escrita e da leitura. E esse primeiro contato lúdico e prazeroso com a leitura é fator preponderante na formação de novos leitores, pois de acordo com Elias José (2007, p. 58): “Do ouvido, surge o interesse da criança pelas histórias escritas. Surge o prazer de também criar histórias, seja a nível familiar ou escolar...”

Contudo para que o professor, enquanto mediador do conhecimento tenha em sua didática a literatura como recurso, é preciso antes de tudo que este seja leitor e conheça um acervo literário de qualidade, para que possa sugerir a seus alunos obras comuns à faixa etária deles, que crie condições e ambientes agradáveis e favoráveis para a leitura e, imprescindivelmente, dialogue com as crianças a respeito das leituras. Sobre isso, Helena Zancan (2001, p. 50) diz:

Criar condições de leitura não significa apenas levar os alunos à biblioteca uma vez por semana. Significa também criar uma atmosfera agradável, um ambiente que convide à leitura na *própria sala de aula* ou mesmo fora dela. É também destinar tempo para ela em sala de aula, demonstrando assim que essa é uma atividade importante, fundamental e que merece também ocupar um espaço nobre.

Portanto, a apreciação de um livro começa desde sua apresentação, pois ao apontar o livro, várias são as discussões cabíveis, ampliando assim, a oralidade. Segundo Fanny Abramovich pode-se começar pelos aspectos estéticos da capa, o título, as ilustrações e até mesmo o tamanho das letras. Sendo assim, a apresentação de várias narrativa propicia as mais diversas atividades. Para exemplificar, tomemos o uso dos contos de fadas.

O docente, durante várias aulas, poderá levar diferentes contos clássicos, e os ler para seus alunos ou dar para eles mesmos lerem (dependendo do nível da turma, havendo ou não o domínio da leitura). Posteriormente, fará uma apreciação de contos contemporâneos baseados em clássicos, apontando semelhanças e diferenças entre ambas. Culminando, com o que se faz rotineiramente, reelaborando os textos que as crianças mais gostaram através de desenhos ou reinventando o final das narrativas e até mesmo estimular a elaboração de novos textos baseados nos lidos. No entanto, quaisquer que sejam as atividades sugeridas, estas dependerão prioritariamente do texto proposto e dos objetivos a serem alcançados.

Porém, os professores devem sempre estar atentos aos níveis de desenvolvimento de seus alunos, pois, convém não esquecer de dizer que essas atividades devem estar voltadas, durante a educação infantil e nas séries iniciais do ensino fundamental menor, ao desenvolvimento da oralidade. Assim, decorrente deste processo surge a necessidade do planejamento pedagógico, mesmo daqueles que recebem auxílio de programas, como o

Qualiescola, já que o planejamento deve ser flexível, devido até mesmo a pluralidade cultural encontrada nas salas de aulas. Segundo o RCNEI (2001, p. 32):

Considerar que as crianças são diferentes entre si, implica propiciar uma educação baseada em condições de aprendizagem que respeitem suas necessidades e ritmos individuais, visando a ampliar e a enriquecer as capacidades de cada criança, considerando-as como pessoas singulares e com características próprias.

Nesta perspectiva, fica evidente a necessidade de um planejamento baseado nas singularidades das crianças, pois o currículo deve partir da reflexão da realidade social, escolar e pessoal de cada indivíduo envolvido com o processo ensino-aprendizagem. Assim, este se caracteriza como um processo ordenado e sistematizado de ações para realização das atividades propostas, onde uma das mais utilizadas é as expostas nos livros didáticos; porém este não deve ser usado como uma algema neste processo, devendo o professor buscar apoio em outros materiais, como por exemplo, nos paradidáticos.

Outro passo fundamental para o estabelecimento de uma aprendizagem significativa é a escolha de conteúdos de interesse pessoal dos discentes. Segundo o RCNEI (2001, p. 48):

(...) este Referencial concebe os conteúdos, por um lado, como a concretização dos propósitos da instituição e, por outro, como um meio para que as crianças desenvolvam suas capacidades e exercitem sua maneira própria de pensar, sentir e ser, ampliando suas hipóteses acerca do mundo ao qual pertencem e constituindo-se em um instrumento para a compreensão da realidade. Os conteúdos abrangem, para além de fatos, conceitos e princípios, também os conhecimentos relacionados a procedimentos, atitudes, valores e normas como objetos de aprendizagem.

Partindo deste princípio, constata-se a necessidade do professor estar sempre reestruturando sua prática pedagógica de acordo com as necessidades de seus alunos. Assim, ele deve saber propor atividades diferenciadas frente às diversas naturezas dos conteúdos explicitados, desde que trabalhados de forma intencional e sem improvisos desnecessários, e para isso deve usar os recursos pedagógicos de que dispõe, mas, sobretudo, respeitar as capacidades cognitivas do educando, pois cada um tem um tempo próprio de maturação.

Nesse sentido, este trabalho de pesquisa objetivou a busca pela compreensão de discussões referentes a literatura infantil e sua aplicabilidade no cotidiano das salas de aulas, de modo a apontar algumas das contribuições desta para o desenvolvimento das crianças, principalmente daquelas que estão no início de sua vida escolar. Porém, não se pretende que essas discussões dêem-se como encerradas, pois o que se pretendeu foi apontar algumas formas de trabalhar a questão da literatura infantil, visando à formação integral das crianças

que estão em fase de alfabetização. E ainda, que as discussões aqui levantadas possam dar suporte necessário a um posterior aprofundamento sobre a temática, pois este trabalho foi apenas o início destes estudos, que mostram a significância da literatura infantil enquanto material pedagógico, além de ser ótima fonte de entretenimento e fator considerável no gosto pela leitura, que deve ser utilizada com mais criatividade.

No capítulo seguinte serão discutidos os dados obtidos com a pesquisa de campo, para sua realização foi utilizados o embasamento teórico aqui apresentado.

†

CAPÍTULO III

ANALISANDO O CAMINHO PERCORRIDO

Dialogar com professores experientes, vivenciar momentos de práticas educativas escolares, não implica de modo algum uma formação reprodutivista, principalmente quando realizado por meio da pesquisa. Significa oportunizar a leitura do real. Perceber a teoria implícita em cada prática. Resignificar a prática a partir do processo reflexivo. Significa enriquecer o repertório de estratégias compreendendo que estas não são válidas em si mesmas, mas de acordo com a adequabilidade à situação que se pretende experienciar.

Eliete Meireles

Este capítulo aborda as análises, interpretações e reflexões propiciadas pela observação minuciosa dos dados obtidos com a pesquisa em literatura infantil. Para a realização destas eventuais interpretações baseou-se nos questionários e nas observações realizadas no processo de coleta de dados. Para a concretização desta etapa, confrontaram-se as informações colhidas durante a investigação com o referencial bibliográfico usado nesta pesquisa; havendo uma reflexão crítica sobre a prática das professoras colaboradoras, assim como das respostas evidenciadas por elas no questionário que visava atingir a compreensão das mesmas sobre a literatura infantil e sua função no desenvolvimento das crianças.

O passo inicial desta coleta foi a realização das observações das práticas docentes, sendo que estas demandaram um período de 8 horas de observação em cada sala de aula das escolas visitadas. Com este primeiro contato, observou-se certo mecanicismo na didática de algumas professoras, porém o relacionamento de todas com as crianças mostrou-se satisfatório, pois pairava sobre as duas escolas um clima de amizade e cumplicidade sobre todos que formavam corpo docente e discente. Em ambas as instituições as crianças eram tratadas com carinho e respeito; outra característica que chamou atenção foi o fato de que nestas escolas todos os funcionários, independente do cargo, conhecem todos os alunos por seus respectivos nomes e, ainda conhecem um pouco da história de vida de cada um.

Na primeira escola pesquisada, aqui identificada pela sigla NB (mantida pelo poder municipal), as três salas, as quais se realizaram as primeiras observações, tinham um número considerável de alunos, aonde a somatória de todos chegava a quase 60 crianças. Nesta, havia uma rotina pré-estabelecida nas salas, assim como na escola de modo geral. Ao chegarem à instituição de ensino, os alunos eram levados a formarem filas, dependendo da série a

que pertenciam, acompanhavam execução do hino nacional, e a oração da criança, e isto demandava cerca de cinqüenta minutos. Depois que entravam nas salas de aulas, cantavam algumas músicas infantis de praxe, como: Boa Tarde Minha Tia, O Sapo não Lava o Pé, O Sítio do Tio Lobato dentre outras. Em seguida, conversavam sobre as atividades que tinham realizado antes de ir para escola e no dia anterior, porém um dos assuntos preferidos deles eram as novelas.

Em raros momentos houve a prática da contação de histórias, essas eram sempre feitas de maneira despreparada ou mal planejada, depois de lidas às histórias havia uma explicação das palavras que os alunos desconheciam, mas nenhum deles tinha a autorização de sequer tocar nos “livrinhos”. Seqüencialmente, eram levados a fazer tarefas sem nenhuma ligação com a história contada, ou melhor, lida. Porém, estes momentos eram regidos por ameaças como parar de contar a história caso eles não se comportassem. Contudo, essas contavam com o privilégio de a escola possuir uma brinquedoteca, que favorecia as mais diversas atividades, que iam desde brincadeiras livres até atividades mais elaboradas, como a encenação teatral de histórias clássicas e confecção de brinquedos com material reciclável.

Já na segunda escola, representada aqui pelas iniciais SPF, da rede particular de ensino e, caracterizando-se como uma escola de referência na cidade, as observações se deram em apenas duas salas de aula, pois na outra houve certa resistência da professora em aceitar uma pessoa estranha em sua sala. Assim, como na outra instituição o período de execução das observações foi de 8 horas em cada uma das salas. No entanto, nesta observou-se que as professoras demonstram preocupação em repassar os conteúdos programáticos, embora que de forma “alienada”, ou seja, de modo que as crianças assimilem apenas os códigos lingüísticos, isto é, as letras. Nesta não tem uma rotina pré-estabelecida, até mesmo porque as crianças chegavam até 2 horas da tarde. Neste período, as que chegavam no horário ficavam brincando sem nenhum direcionamento, enquanto a docente organizava as atividades a serem desenvolvidas no decorrer do dia letivo.

No único momento de contação de histórias, que se deu de forma desorganizada e, notavelmente sem nenhum planejamento prévio, a professora pegou mini-livros, que um dos alunos havia levado, e começou a ler sem a menor atenção das crianças, pois a leitura era sem nenhum entusiasmo. Depois da leitura, a docente passou a fazer perguntas mecânicas sobre as histórias, como: Qual é o nome da historinhá? O que aconteceu com Os Três Porquinhos?

As crianças, respondiam sem nem mesmo olhar para a professora, pois se mostravam mais interessadas quando a criança dona dos livros passou a distribuí-los para que pudessem visualizar as ilustrações, assimilando a história de maneira mais significativa, pois

criavam a seqüência das narrativas em suas memórias. Depois destas observações foram entregues os questionários, com o prazo de uma semana, para que as mesmas respondessem com cautela.

Contudo, as respostas das docentes geraram discussões possíveis a partir dos dados obtidos, os quais foram analisados conforme as três categorias de análise relacionadas abaixo. Esta categorização das informações atua como um norteador para as reflexões geradas.

3.1 A compreensão sobre literatura infantil

A questão da contribuição da literatura infantil nas atividades escolares tem ganhado destaque nos últimos tempos. Entretanto saber usar este gênero textual como recurso requer antes de tudo uma definição, a compreensão deste gênero literário, embora toda pessoa leiga já tenha uma definição inata sobre a temática. Desse modo, espera-se que pessoas com um nível de formação mais elevado na área, principalmente educacional, possam defini-lo sem titubear. Contudo, quando questionadas a esse respeito, encontramos as seguintes respostas:

PROF^a. ANA, licenciada em Pedagogia, atua há mais de 11 anos: É um modo de atrair a criança para o mundo dela.

PROF^a. FLOR, formada no Normal Superior, leciona há mais de seis anos: É a interação lúdica do mundo imaginário com o real fixando os conhecimentos.

PROF^a. MARIA, pós-graduada, atua há mais de sete anos: É uma parte da literatura voltada para envolver a certas faixas etárias.

PROF^a. GIL, licenciada em Pedagogia, em sala de aula há mais de oito anos: É a literatura voltada para as crianças, como os clássicos.

PROF^a. JOANA, cursando, leciona há um ano: É um campo da literatura dedicado especialmente as crianças.

Diante destas afirmações, verificou-se que algumas das colaboradoras definem literatura infantil de modo generalizado, como diz Cadermatori (2006, p. 7): “O que é literatura infantil, de certo modo, todo mundo sabe. Isto porque a maior parte das pessoas tem algo a ver com criança – seja filho, vizinho, sobrinho, aluno- e, razão inquestionável, todos já foram criança”. Como podemos constatar nas falas das professoras Ana e Maria, que expressam uma definição bem popular sobre a temática, pois apenas fazem uma relação do

adjetivo que a caracteriza o gênero em questão, apesar de possuírem uma formação e conhecimento das realidades presentes em salas de aula bem mais elaborados que as demais.

No entanto, as respostas das demais docentes enquadram-se na definição de Aparecida Paiva (2008, p. 35) que diz: “(..) a literatura infantil não pode ser literatura, sem adjetivos e endereçamentos prévios, arte, enfim, e, ao mesmo tempo, a produção que traz em seu bojo a “especificidade” do universo infantil”.

Assim, constata-se que as professoras possuem uma definição simbólica de literatura infantil, embora demonstrando insegurança à busca deste conceito, que embora considerados por alguns como algo banal, provoca medos e incerteza ao lhe ser solicitado. Portanto, para que se possa usar de maneira eficaz a literatura infantil, é necessário que se tenha um conhecimento prévio que favoreça o trabalho significativo, pois o que se deseja é a formação integral das crianças.

3.2 A frequência em que são contadas histórias em sala de aula

Durante as observações, constatou-se que a atividades de contação de histórias não são tão frequentes quanto se acreditava no início da investigação, pois enquanto a pesquisadora estava presente nas salas de aulas, pouco presenciou as raras vezes em que ocorreram esses momentos. Contudo, vejamos o que as professoras falam quando questionadas sobre a frequência com que realizam estas atividades:

PROF^a. ANA: Realizo sempre. Porque é um atrativo.

PROF^a. MARIA: Costumava contar todos os dias uma história sempre no primeiro momento.

PROF^a. GIL: Umás duas vezes na semana. Porque acho importante.

Apesar de estas professoras terem maior experiência no tocante ao processo de ensino-aprendizagem, ainda são reprodutoras de uma abordagem mecanicista, onde o que se visa é a reprodução mecânica dos traçados das letras, embora possuam grande potencial para desenvolverem atividades significativas, utilizando materiais simples como a literatura infantil. Ademais, atente-se para o que responderam as professoras Flor e Joana:

PROF^a. FLOR: Todos os dias. Porque é através da contação de histórias que eles são incentivados a leitura, só assim possibilitam a exploração de vários conteúdos.

PROF^a. JOANA: Duas vezes na semana. Porque é uma forma de promover uma maior interação entre eles, dessa forma formam uma identidade e se torna uma ótima forma de repasse dos valores sociais que nessa faixa etária estão se definindo.

De acordo com as concepções das diversas bases teóricas utilizadas neste trabalho investigativo, pode-se afirmar que estas professoras reconhecem de maneira clara e concisa as contribuições deste fenômeno, quando explorado de modo que possa favorecer um contato próximo e real com a literatura e/ou com os livros, embora estas não tenham desenvolvido esta atividade de forma eficaz, durante os períodos de observação.

Porém, vale ressaltar que o reconhecimento e compreensão da importância que a literatura infantil desempenha já se configuram como um elemento inicial para uma utilização consciente deste recurso. Pois como diz Fanny Abramovich (2008, p.24): “Uma das atividades mais fundantes, mais significativas, mais abrangentes e suscitadoras dentre tantas outras é a que decorre do ouvir uma boa história, quando bem contada”.

Nesta perspectiva, cabe aos professores repensarem sua didática, dela fazendo um labor reflexivo, que garanta uma representatividade considerável no processo de escolarização de seus alunos, principalmente quando o que se tem em mente é a formação de cidadãos críticos e conscientes.

3.3 A consciência do papel que a literatura infantil exerce no cotidiano dos alunos

Considerando, tudo que se discutiu até aqui, é válido verificar a aplicabilidade da literatura infantil na vida prática das crianças, pois segundo Isabel Maciel (2008, p. 13): “A leitura do texto literário, em seus diferentes gêneros, proporciona ao aluno essa localização cultural, contribuindo de maneira única para a formação de um leitor crítico e capaz de articular o mundo das palavras com o seu eu mais profundo...”

Partindo deste pressuposto, se resolveu questionar às professoras sobre a influência da literatura infantil no seu cotidiano, onde as respectivas estão descritas de modo fidedigno abaixo:

PROF^a. ANA: No cognitivo e na imaginação, devendo ser mostrada e contextualizada.

PROF^a. FLOR: O papel é estimular a curiosidade ao prazer na busca pelo saber e desempenha a consciências para a construção do conhecimento.

PROF^a. MARIA: O papel de despertá-los para o mundo fazendo-os críticos e autônomos.

PROF^a. GIL: Ela ajuda no desenvolvimento cognitivo da criança, na familiarização com as letras, facilitando no desenvolvimento da escrita.

PROF^a. JOANA: Um despertar da imaginação, propiciando atitudes de valores e identidade, além de trabalhar a linguagem oral e a seqüência lógica, como também favorece a aquisição da leitura e escrita.

Portanto, fica evidenciado que as mesmas reconhecem e expressam algumas das contribuições da literatura infantil para o desenvolvimento cognitivo. Valorizando sua aplicação no que se refere à aquisição de leitura e da escrita, como nas falas das professoras Gil e Joana. Contudo, pontos cruciais foram levantados pelas discentes no tocante ao suscitar o imaginário e a autonomia, estas afirmações enquadram-se no que diz a respeito Lígia Cademartori (2006, p. 18): “A literatura, por sua vez, propicia uma reorganização das percepções do mundo e, desse modo, possibilita uma nova ordenação das experiências existenciais da criança”.

Diante destas análises, conclui-se que as professoras de ambas as escolas (NB e SPF) reconhecem a importância da literatura infantil no desenvolvimento cognitivo das crianças, no entanto, usar este recurso metodológico em suas práticas diárias está longe de ser uma realidade manifesta, não só da escola da rede pública como na da privada. Portanto, evidencia-se a necessidade de um plano de ensino que englobe conteúdos de interesse das crianças, bem como a inserção de práticas um pouco mais construtivistas que objetivem a formação íntegra da criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa realizada em duas escolas de Educação Infantil da cidade de Parnaíba. Para a execução da mesma, cinco professoras destas instituições colaboraram com a investigação in loco das práticas de contação de histórias infantis. A pesquisa objetivava verificar a compreensão destas docentes sobre o papel da literatura infantil na sala de aula e sua função no desenvolvimento da criança.

Para tanto, a pesquisa em questão teve uma abordagem qualitativa, ou seja, sua abordagem visava identificar os significados das práticas educacionais sobre a vida dos sujeitos em processo de desenvolvimento, porém esta prática é carregada de subjetividade. Contudo, na busca de dados a mais, houve a necessidade do uso de instrumentos que propiciassem a coleta destes, como a própria observação nas salas, de modo que houvesse a vivência da prática educativa.

Assim, buscaram-se subsídios para a coleta de dados através de questionários abertos, ou seja, aqueles em que as professoras pudessem expressar subjetivamente suas idéias sobre o objeto de estudo abordado pela pesquisa. Além destes, recorreu-se as observações diretas nas salas de aula, o que favoreceu o posterior confronto dos dados colhidos com as bibliografias usadas.

Ao longo de todo o trabalho, percebeu-se que é imprescindível apontar uma definição da temática. Então, entende-se como literatura infantil aquela que é destinada às crianças, embora algumas críticas propaguem a idéia de que esta deveria ser uma literatura escrita por e para crianças. As obras que compõem o acervo literário da atualidade são marcadas por grandes inovações no mercado editorial, tanto nacional quanto mundial. Pois, partem do pressuposto de que a primeira atração que o livro exerce sobre seu público é oriunda da qualidade estética deste, ou seja, capa, ilustrações, formatos, cores etc. No entanto, para que este gênero literário adquirisse o status que tem hoje, passou por diversos processos, principalmente, de aceitação no meio acadêmico.

Evidenciando-se ainda, como objeto de consumo. No entanto, contrapondo esta realidade, durante a pesquisa feita verificou-se que as crianças só têm contato com algum livro ao ingressarem na vida escolar, principalmente, aquelas com menor poder aquisitivo; pois, constatou-se que o principal consumidor de livros infantis no Brasil é o governo com seus programas, como o PNBE (Programa Nacional Biblioteca nas Escolas).

Contudo, a investigação propiciou a constatação de que realmente o governo está investindo na aquisição de livros destinados a crianças, no entanto o que falta é o contato

concreto destas com os livros. Pois, as observações mostraram que os momentos de contação de histórias são raros e, quando aconteceram as crianças eram inibidas, não podiam tocar nos livros. Em uma das escolas visitadas, a professora guardava os livrinhos nas estantes mais altas do armário, para que as crianças não tivessem acesso.

As observações realizadas mostraram ainda, uma evidente atração das crianças pelas historinhas. A vivência proporcionada com esta pesquisa evidenciou a necessidade de um melhor aproveitamento da literatura infantil, enquanto recurso didático, já que durante este período as professoras mostraram entender e conhecer o tema, porém não sabem ao certo como utilizá-lo na educação das crianças.

Contudo, os dados obtidos com esta investigação mostraram a necessidade de um contínuo estudo sobre a implicação da literatura infantil na vida das crianças em fase de alfabetização. Pois este estudo pode favorecer no desenvolvimento de novas práticas que utilizem este recurso de maneira eficaz. Porém, podendo ter abrangência maior se a pesquisa for desenvolvida em outras instituições de ensino, primando assim, pela qualidade da educação ofertada as crianças de Parnaíba.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: Gostosuras e Bobices**. 5 ed. São Paulo: Scipione, 2008. Pensamento e Ação no Magistério.
- BRASIL, Ministério da educação. **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília: MEC/SEB, 2007.
- BRASIL, Ministério da educação. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 2001.
- CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2006. Coleção Primeiros Passos.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2008.
- CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação básica**. Brasília: MEC, 2001.
- FRANTZ, Helena Zancan. **O ensino da literatura nas séries iniciais**. Rio Grande do Sul: Unijuí, 2001.
- GONÇALVES, Hortência de A. **Manual do projeto de pesquisa científica: inclui exercício prático**. São Paulo: Avercamp, 2003.
- JOSÉ, Elias. **Literatura Infantil: ler, contar e encantar crianças**. Porto Alegre: Mediação, 2007.
- LAKATOS, E. Maria & MARCONI, Mariana de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. **Literatura infantil**. Teresina: Ed. Gráfica da UFPI, 2001.
- MAROTE, João Teodoro & FERRO, Gláucia. **Didática da língua portuguesa**. São Paulo: Ática, 2003. Série Educação
- PAIVA, Aparecia & SOARES, Magda (orgs.). **Literatura Infantil: políticas e concepções**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. Coleção Literatura e Educação.
- PALO, Maria J. & OLIVEIRA, Maria R. **Literatura Infantil: voz de criança**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2006. Série Princípios.
- ZILBERMAN, Regina & LAJOLO, Marisa. **Literatura Infantil Brasileira: História e Histórias**. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2009. Série Fundamentos.

APÊNDICES

Apêndice A

Roteiro de Observação

1. As crianças mostram-se interessadas em ouvir histórias?
2. Os professores propiciam o contato dos discentes com os livros?
3. Os professores preparam o ambiente para o momento de contação de história?
4. Quais os procedimentos adotados pelos docentes ao contar histórias?
5. Com qual frequência foi contada historinhas no período de observação?

Apêndice B

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ-UESPI
 CAMPUS: PROF. ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA
 CURSO: LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

QUESTIONÁRIO

Questionário aplicado pela acadêmica, Érika Raquel N. Silva da Universidade Estadual do Piauí-UESPI, com a finalidade de conhecer o entendimento das professoras desta renomada instituição escolar, acerca do tema: Literatura Infantil: A História Como Momento Privilegiado de Desenvolvimento da Criança, para a elaboração do T.C. C. Certa de sua preciosa colaboração desde já agradece e, ressalvo que seu nome não será citado em nenhum momento.

1. Dados pessoais:

a) Qual sua formação?

() Ensino Médio () Superior () Pós-Graduação

b) Há quanto tempo você leciona?

1 a 5 anos () 6 a 10 anos acima de 11 anos

c) Você participa ou já participou de cursos de formação para a educação infantil?

2. O que você entende por literatura infantil?

3. Com qual frequência você costuma contar histórias em sala de aula? Por quê?

4. Em sua opinião, qual o papel que a literatura infantil desempenha na vida de seus alunos?

5. Em sua opinião, a literatura infantil, mesmo que só ouvida pode favorecer a aquisição da leitura e da escrita? Como?